



A PALAVRA É SUA

QUEM CORRE POR GOSTO NÃO CANSA (1)

Jorge Olímpio Bento

Universidade do Porto

As minhas primeiras palavras são de agradecimento à Fundação de Serralves pela generosidade do seu convite e pelo privilégio de poder intervir neste colóquio, ao lado de personalidades com uma palavra tão alta na vida científica, intelectual do nosso país. É a estas que me dirijo, em segundo lugar, para as saudar com muito respeito e admiração.

Em terceiro lugar quero expressar a profunda satisfação por ver tantas pessoas, sobretudo jovens, que não se cansam no gosto de correr para este ciclo de debates. A redescoberta e manutenção deste gosto para correr, não com a cultura, mas por ela, mostram que o discurso pessimista do esvaziamento de sentidos da vida para os jovens deve fazer penitência. A razão do optimismo é mais forte.

Os provérbios assemelham-se aos milagres: a vida não prescinde deles.

Dos milagres diz-se que foram feitos por santos e santas (por isso mesmo é que o são!). Desta autoria, que não vem ao caso discutir, se depreende o seu sentido. E não há razão científica que possa contestar quer os milagres, quer o seu sentido, porque a sua razão é a da fé, e da crença e esperança em mitos e símbolos essenciais do céu nas corridas da terra.

Os milagres não carecem, pois, de explicação, porque se implicam e contemplam na vida e esta não é de ordem explicativa, mas antes céptica, temerária e aventureira.

Mas... e os provérbios? Que sentidos

encerram? A quem atribuir a sua autoria?

No caso concreto do ditado "**Quem corre por gosto não cansa**" Como descodificar a sua mensagem sem saber quem o inventou e as respectivas motivações e circunstâncias?

Claro está que posso recorrer à minha apetência de interpretação. "Quem corre por gosto não cansa" porque corre fora de toda a medida do cansaço. Ou porque o prazer transcende o corpo. Ou porque o cansaço do corpo é fonte do gosto que está para além do correr. Ou porque não há distância intransponível entre a glorificação do gosto e a acentuação da fadiga. Ou porque a fragilidade vestida do viver se converte em musculatura pretoriana no despir do correr. Ou, ao jeito Popperiano, porque o gosto de correr riscos proporciona o prêmio da novidade, de uma realidade de nível superior. Ou porque a dúvida, como gosto central da condição humana, inclui o desafiante e o correr. Ou ainda porque o masoquismo é um gosto. Fico por aqui.

É evidente que estas interpretações não bastam, nem satisfazem, e eu próprio me sinto já cansado desta tentativa desconfortante de correr sozinho. Vou, pois, à procura da autoria deste adágio, sublimando o cansaço no gosto da concorrência.

Quem terá sido o seu autor?

Não poderia ter sido o homem primitivo, porque das duas razões da vida somente conhecia a da necessidade. Ou seja, o correr era por necessidade apenas satisfeita (e muito raramente!) no cansaço permanente.

(1) Intervenção (92.03.21) no debate "O gosto entre o excesso e o luto", ao lado de Eduardo Lourenço, Eurico Figueiredo e Machado Caetano. Colóquio "**Gostos não se discutem**", Fundação de Serralves, Porto, 7 de Março a 18 de abril de 1992.



O tempo de o correr por gosto transformar a necessidade em liberdade, o peso em voo, o obstáculo em impulso, o perigo em tentativa, a dificuldade em prazer, esse tempo viria muito mais tarde.

Poderiam ter sido os deuses, mas eles não precisam de correr, nem sequer de andar, porque têm o dom da ubiquidade, além de não serem agentes de acção, por não conhecerem a destriça entre o pensar e o fazer. Bem sei que poderiam ter elaborado o adágio para os homens; mas a relação dos deuses com os homens faz-se por mandamentos, tem carácter imperativo, ao passo que neste provérbio mora um carácter de imperativo, ao passo que neste provérbio mora um carácter de comprovação experimental. É este é manifestamente típico dos homens, já que os deuses não abriram mão do poder da criação.

Poderiam ter sido os clássicos da filosofia grega, até porque a corrida era uma das expressões do gosto de ser livre. Mas não creio nesta autoria, porque o gosto da vitória que motivou a corrida da maratona não evitou o cansaço e este terminou na tragédia da morte. É sabe-se o peso da tragédia para os gregos.

Epicuro também não terá sido, uma vez que este ditado inclui a alegria da dificuldade vencida e recusa, por isso, o hedonismo como princípio de vida e de educação; e ainda porque na corrida o sofrimento é por vezes tão intenso que merece a designação de "dor de burro" e força à desistência. Além de que estas referências a Epicuro se enredam nas perspectivas com que os estóicos o difamaram.

A estes também não se pode atribuir a autoria do provérbio, porque correr, é por vezes, uma paixão e um forte desejo (sobretudo quando é correr com alguém determinado!).

Um psicólogo também não terá sido, pois na base de tal ditado estão a experiência e a vivência e não a ficção ou magia. É certo que há psicólogos da motivação e do desporto, que podem protestar capacidade e disponibilidade para tanto, mas quer o ditado, quer o desporto e a corrida surgiram muito antes de tais profissões ou intromissões. Pelo que lhes resta apenas a possibilidade de identificação com aquela máxima e de confirmação do seu sentido; mas para tal têm que deixar

de esventrar o corpo com bisturis e transmutações fantasmagóricas, têm que experimentar a corrida e têm que se sujeitar ao exercício da substituição da massa gorda pela limpa e do especular pelo agir.

Poderia ter sido um filósofo do auto-rendimento, como Hans Lenk, apostado em contestar entre rendimento e prazer, entre hedonistas e ascetas do rendimento. Determinado em advogar que rendimentos resultantes de motivações e estímulos positivos, isto é, rendimentos livremente procurados, voluntariamente obtidos, com os quais o indivíduo se identifique, são fonte de bem-estar, de alegria, de satisfação, de fruição, de felicidade e de liberdade.

Poderia, de facto, ter sido Hans Lenk, se a problemática da sociedade do rendimento e da cultura do auto-rendimento não fosse recente e aquele ditado não se apoiasse, desde há muito tempo, em bengala. O que revela a enorme dificuldade de realizar o sentido do provérbio, de concretizar aquela sociedade e de evitar a sua perversão em sociedade da imagem e do sucesso.

Talvez pudesse ter sido um pedagogo, animado da vontade de reabilitar a excitação e de a erguer do chão degradado do adestramento até ao horizonte da configuração interior do homem. Um pedagogo, sem a miopia didáctica de sacristias e capelas, atento aos problemas humanos e às circunstâncias sociais. Um pedagogo aberto ao entendimento de que a excitação é essencial ao homem desde os primeiros anos da vida até à idade mais avançada, de que apenas em excitação contínua assume o homem a sua essência mais íntima, de que no combate sem fim com a não-competência tem a vida pleno sentido. Um pedagogo convicto de que a excitação é uma via para a liberdade interior e que talvez não haja felicidade mais genuína do que a do rendimento e competência livremente procurados e conseguidos. Um pedagogo desejoso de dar voz ao suor e ao esforço e de erigir estes em categorias morais.

Mas não pode ter sido um pedagogo. Muito simplesmente porque o provérbio já existia antes de a pedagogia ter percebido que o riso, o sorriso, o prazer e o gosto não anulam a seriedade pedagógica, antes



de ter descoberto a motivação e ter renunciado à imposição de conceitos enraizados fora da vida e de sua mutabilidade.

Pode ter sido Nietzsche, que se obrigava a ultrapassar a si próprio até ao infinito. Mas o provérbio em questão é demasiado prescritivo e racionalmente afirmativo, logo a sua formulação não será de atribuir a um paladino do irracionalismo.

Poderia ter sido um vanguardista enebriado pela atracção da velocidade, mas esta cingia-se mais à máquina do que ao homem. Além de que a velocidade esgota rapidamente o gosto do oxigénio, terminando num ápice em cansaço.

Leonardo Coimbra, com a sua Pedagogia da Alegria, da Dor e da Graça, também poderia ser.

Ou Fernando Pessoa:

"Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor
Deus ao mar o perigo e o abismo deu
Mas nele é que espelhou o céu"

Ou o poeta espanhol Jorge Guillén, neste fragmento do poema "Nadadoras":

"Regocijo del músculo obediente,
Qué gozo en el contacto,
Qué noble libertad por su corriente,
Piel todavía flor,
Carne que ya es amor.
Muchachas que son música en la mano
De nuestra Primavera!"

Ou Virgílio Ferreira, que "gostava do meu correr em vertigem, uma vertigem que não era bem do meu correr mas do meu sentir, do meu ser alado contra a estupidez da terra".

Sim, poderia ter sido qualquer um deles, porque no ditado não repousa apenas uma lógica experimental e científica; dele emerge uma lógica maior, ou seja, uma razão poética (uma "álgebra superior das metáforas", no dizer de Ortega y Gasset) que transcende as imanências do correr. Mas sabemos que o provérbio é anterior a estes autores.

Uma forte hipótese de autoria recai em Milan Kundera, perito em dar leveza aos seres, em lhes tirar peso e lastro, em correr sem corpo, em desencarnar os pensamentos para os fazer correr. Mas a ideia de

de cansaço inscrita no provérbio parece presa à carne e às manifestações do corpo.

É verdade que Kundera não iludiu a questão, comparando Zatopek e São Macário de Alexandria, que, no deserto, enchia regularmente um saco de areia, punha-o às costas e percorria assim, dia após dia, extensões intermináveis, até ao esgotamento total. Tanto para Zatopek como para São Macário existia uma generosa recompensa de todos os seus esforços.

O primeiro usufruiu da alegria maior que há - os aplausos do estádio olímpico - e por isso não se contentou em vencer os cinco mil metros, nem os dez mil, atreveu-se a vencer a maratona, quedando-se aqui por ser a última linha no livro de registo notarial dos excessos de reconhecimento do homem no cartório das corridas.

O segundo gozou a glória da difusão do conhecimento das suas maratonas no deserto por toda a cristandade. Mais ainda, conheceu o auge da sua glória num mosteiro em Tebas, aquando do jejum da quaresma: enquanto todos os monges jejuavam sentados, ele ficou de pé durante os quarenta dias! Um triunfo extraordinário, que leva Kundera a afirmar que o desejo de ser admirado é insaciável. O que ilustra ainda como exemplo de São Simeão Estilita, que construiu no deserto uma coluna em cujo topo não se cabia sentado, mas apenas de pé. (Quão diversas e bizarras são as formas do estádio e do pódio olímpicos!) E foi de pé que ele lá ficou durante toda a vida, merecendo o amor e a admiração de todo o mundo. (Não sei se Cristo terá comungado deste gosto, já que foi um adepto confesso do "levantate e caminha!") Um recorde dos limites humanos, um excesso que não significa desprendimento nem da vida nem dos homens. São Simeão, diz Kundera, está sozinho no deserto, em cima da coluna, mas está toda via com todos os homens; vê milhões de olhos erguidos na sua direcção, sente-se presente em milhões de pensamentos e regozija-se com isso. O santo continua a viver em cada um de nós, e apresenta-se ainda hoje como a melhor expressão do nosso ser. A fuga para o deserto, para o excesso, para o luto até, é um desvio do anonimato para a notoriedade, da solidão para a especialidade; é uma afirmação perfeita da necessidade individual de alteridade, de diálogo e solidariedade com tudo.



Nos recordes, de santos atletas e de atletas santos (pelo ascético e estético do seu gosto), não apenas incha o orgulho de ser Homem, erguendo-se imponente sobre o caos do mundo; como também se repete a sublimidade redentora e regeneradora de Cristo, inscrita no determinismo e no fado da expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Mais ainda. A excentricidade do cenário de superação dos limites humanos é a justa medida do desejo profundo de sair do luto da penumbra e da escuridão para o "excesso" da luminosidade dos olhares, de retirar do silêncio a vida de cada um, de a elevar da platitute escondida à altitude visível, de lhe dar voz e sentidos que a situem no horizonte do conhecimento e da comunicação com todos os homens; isto é, do desejo de cantar no coro polifônico universal.

Afinal poderia ter sido Kundera o autor do provérbio, se este não tivesse já barbas (outro gosto revolucionário para o desgosto conservador e vice-versa).

O mesmo se aplica a Zatopek, acrescendo que este, por ser oficial do exército, moldado na rotina de cumprir e fazer cumprir regulamentos, nem deve ter conhecido a palavra "gosto", nem deve ter tido formação para interpretar axiomas, e muito menos para os tentar formular.

Talvez pudessem ter sido os santos, os eremitas, os ascetas e arautos da renúncia. Porque, na linha da tradição judaica, sentiam a dor como a sensação do mal, mas igualmente como um bem, por ser condição necessária para a conquista dos céus, tal como a dor do parto é o caminho necessário para a alegria da maternidade.

Mas quem inventou os santos foi o povo, e, se ele foram objecto de invenção, é questionável se podem ser sujeito de invenções. E, embora possam ser verdade as insinuações de vaidade que Kundera lhes faz, é pouco crível que não fossem suficientes astutos para se atreverem à prática da formulação de princípios, deixando assim estalar o verniz da renúncia, do desprendimento, da humildade e do sentido da disciplina do silêncio, deixando brilhar a sua vaidade em todo o esplendor. Além disso não correram no verdadeiro sentido da palavra, antes debilitaram o corpo para melhor ascenderem aos céus e menos penarem no purgatório.

Também pode ter sido Salman Rushdie,

quando nos recorda que, para se nascer de novo, é preciso primeiro morrer, para se poisar na terra acolhedora é preciso primeiro voar, para sorrir é preciso chorar primeiro. Ou quando nos sugere as intimidades entre o angélico e o diabólico, o infinito e o finito, o amor e o ódio, o cansaço e o descanso, o gosto e a dor, o prazer e o sofrimento, o movimento e o imobilismo.

Mas não pode ter sido ele. Por um lado, porque as suas considerações têm por fundo os céus, onde não se corre, mas se paira e voa. Por outro lado, porque a sua vida e os motivos do seu correr de esconderijo em esconderijo desmentem a hipótese de autoria do provérbio em causa.

Terão sido esses "apóstolos" da razão do excesso, da "transcendência" e da "excentricidade", ou seja, da razão da liberdade, que procuram o troféu do viver nas corridas com que inundam as ruas das nossas cidades? Esses "maluquinhos" da corrida, quando correm, cansam-se por experimentarem intensamente, à distância, os gostos que conferem ilhar(es) aos olhos da vida. Esta distanciação parece ser um gosto transformador do correr-cansar em corrida-descanso. Logo quando correm cansam-se na distância dos gostos de que descansam na corrida.

São cavaleiros da triste figura, estribados na humildade da sua condição e valorização, na afirmação da consciência de lealdade absoluta à Dulcinea do seu corpo. Não correm para fugir da vida, possuídos da febre da imortalidade ou da procura do eterno, mas antes para se auto-revelarem, para agarrarem a vida, para a possuírem no quotidiano e a não hipotecarem ao imaginário futuro. Aautos da santidade da vida preferem santificá-la pela vida acrescentada a santificá-la pela morte antecipada, pela exaltação e não pela mortificação. E, se isto é utopia, preferem o excesso do ridículo ao luto do vazio dela, como condição de sobrevivência.

São crianças tontas de alegria simples (apostados em ser, manter e prolongar a criança, dentro de si, pela vida fora) que consomem filosofia nas suas pernas, no seu esforço e suor. Mas tais consumos ajudam a viver, não ensinam a filosofar. Pelo que não poderiam ter



inventado o ditado, mesmo que a moda da corrida fosse muito anterior a este.

Terá sido o homem simples e anônimo ou o homem no sentido geral deste termo? É pouco provável, pois é duvidoso que o homem saiba correr. Parece mais interessante do em esperas do que em corridas.

Bem sei que a paciência tem limites, mas não os tem a esperança - esse prato mais consumido nos cardápios populares, essa linha de cosedura do couro gasto do mundo. Por isso a atitude de espera é a regra, a de correr é uma exceção vestida de penitência e preocupação (e, por vezes, de revolução).

Dir-me-ão que o homem não se cansa a correr na estrada do abismo em que vivemos, mas a profusão de alertas inflamados referencia-nos uma consciência de inquietação e angústia. Não se trata, de gosto; quando muito da sua desqualificação em alienação.

O autor do provérbio poderia ser ainda um "tolinho" que, na minha infância, surgia na minha aldeia por alturas de Maio (mês tradicional de trovoadas). Postava-se a uns vinte metros da porta da Igreja (local onde é maior a probabilidade do sacrifício ser testemunhado e creditado para futura recompensa) e corria para ela investindo-a à cabeçada. Deitava as mãos à cabeça e, após alguns minutos de queixume dorido, começava a rir e a dizer "Ah-, como é bom sentir a dor a passar!" E por isso repetia a cena, com a cabeça a sangrar, como que expiando as culpas próprias e as alheias, até ficar exausto. Mas ele não foi, porque já então era com este ditado que interpretávamos o seu comportamento.

Vou arriscar mais duas hipóteses.

Poderiam ser alguns professores das universidades públicas, os turbo-professores ou taxistas do transbordo dos conhecimentos, em permanente trânsito para tudo quanto é privado! É porém questionável que seja o gosto (há quem diga que é o dinheiro!) a determinar a sua corrida. Além de que gastam tanto tempo nesse trânsito que não lhes resta nenhum para inventare nada, nem mesmo a sua conduta (que o diga a mais antiga profissão do mundo!).

Resta a hipótese de terem sido os autores das últimas PGAs. Contudo cansaram-se, sem terem demonstrado gosto, mas antes ignorância e incapacidade para criarem um axioma sensato.

Fiz toda esta divagação "con-corrida" e não achei o que se pretendia, mas também não perdi o que não queria. Arisquei e resisti à ameaça de penhorar a minha interpretação inicial. Agora tenho o gosto de sentir que experimentei e consolidei o direito a dispor de novas oportunidades para formular hipóteses. Gosto que não dá descanso ao meu atrevimento olímpico "citius, altius, fortius"; e por isso já estou na aventura de outra corrida.

Quem terá então inventado este provérbio?

Heureca! Foi uma entidade congregadora na multiplicidade de predicados atrás apontados, chamada povo. E nele cabem todos os que neste momento continuam no auditório, como que não conhecendo limites nem para a distância da corrida nem para a duração do gosto.

Será que o nosso ditado cumpriu o seu vado e vai contrair matrimônio com aquele outro "Quando mais me bates mais gosto de ti"? Tudo indica que sim, sendo até um professor que os conduz ao altar! O que confirma que o povo pode ser fonte, mas não é sede de sabedoria; é, sim, campo de aplicação de receitas e espertezas. Por isso se eternizam alguns professores e engordam certas didáticas.

Enfim, gostos! É fácil exaltar os nossos; é bem difícil aceitar e não exorcizar os dos outros. Todavia e decididamente não gosto do gosto da moda, mas gosto da moda de ter gostos sobretudo excessivos, quando sabotadores da rotina e nietzscheanos. Obviamente gosto das corridas "con-corrida", porque o excesso de cor viva do correr sobrepe-se ao luto imobilista do andar. São um descanso, dão gozo e esperança! Não acham que isto basta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAJARDO, Plácido Checa; DIAZ, Luisa M. Merino. *30 Bre Deporte y Literatura. El Siglo XX. In: UNISPORT/JUNTA DE ANDALUCIA*, nº 19 dic, 1991, pp. 27-36, 1991.
- FERREIRA, Vergílio. *Em nome da terra*. Bertrand Editora, Lisboa, 1991.
- KUNDERA, Milan. *A valsa do adeus*. Círculo de Leitores, 1990.
- LENK, Hans. *Eigenleistung. Plädoyer für eine positive Leistungskultur*. Edition Interfrom Zürich.



1983.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falava Zaratustra. Círculo de Leitores, 1974.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. A Pedagogia de Leonardo. Coimbra. Porto Editora, 1991.

PESSOA, Fernando. Mensagem. Livraria Estante Editora, Aveiro, 1987.

POPPER, Karl R.; LORENZ, Konrad. O futuro está aberto. Editorial Fragmentos, Lisboa, 1990.

RUSHDIE, Salman. Os versículos satânicos. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991.

ENDEREÇO DO AUTOR / AUTHORS ADDRESS

Jorge Olímpio Bento
Fac. Ciências Desp. Educação Física
Pçt Pedro Nunes
4000 - Porto
Portugal

